

Elementos para Interrogar uma Clínica Possível a Partir da Psicanálise na Universidade

Nadja Nara Barbosa Pinheiro

Vinicius Anciães Darriba

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Tomando como ponto de partida a afirmação de Freud de que, na psicanálise, pesquisa e tratamento coincidem, no presente artigo a discussão acerca da relação entre psicanálise e universidade é retomada, centralizando-se em torno da relação aos impasses referentes à formação para a prática clínica. A partir da experiência como supervisores de estágio curricular no curso de graduação em psicologia sob a orientação da psicanálise, nosso trabalho é norteado pelo princípio de que o psicanalista não pode, neste lugar, recuar da pergunta acerca das possibilidades de operar aí a partir da ética que é própria à psicanálise. Examinando as particularidades desta prática efetivada no âmbito do estágio universitário – em especial no que concerne à posição de estudante, à função da supervisão e ao lugar do saber – o trabalho debate qual é a clínica possível a partir da psicanálise neste contexto, tomando como fundamento a experiência que vimos construindo nos últimos anos.

Palavras-chave: clínica psicanalítica; supervisão clínica; ética; universidade; psicanálise.

ABSTRACT

Appointments in Order to Interrogate the Possibilities of a Psychoanalytic Clinic at the University

Freud's statement that the psychoanalytical field research and clinic are developed simultaneously is taken in the present paper as a central issue to discuss the relations between psychoanalysis and university while focusing the difficulties faced by students and teachers in order to prepare for clinical work. Our experience as clinical supervisors of psychology undergraduate students, under the psychoanalytic approach, is based on the work of the analyst that cannot decline from his/her task of questioning the possibilities of a psychoanalytic clinic at the university environment while keeping the psychoanalytical ethical principles. Then, the present analyses the particularities that are related to the position of the student, the function of the supervisor and the place of knowledge. Finally, the paper presents the experience we have been developing during the last years in order to support the debate around clinic and university.

Keywords: psychoanalytic clinic; clinical supervising; ethics; university; psychoanalysis.

Dentre os diferentes eixos em torno dos quais se dá a discussão acerca da relação entre a psicanálise e a universidade, incluem-se os âmbitos do ensino da psicanálise, da pesquisa em psicanálise e da formação para a prática clínica. Privilegiaremos aqui este último, o que não significa que as reflexões correlatas não digam respeito aos demais, visto que Freud (1923/1990a) afirma recorrentemente que, na psicanálise, a pesquisa e o tratamento coincidem. Entendendo, portanto, que problematizar a questão da clínica psicanalítica na universidade equivale a problematizar a questão da pesquisa psicanalítica na universidade, enfocaremos, aqui, a formação para a prática clínica.

Nos cursos de graduação em psicologia, dentre as opções ofertadas ao estudante para o cumprimento do requisito curricular do estágio, figura, via de regra, a opção de uma prática clínica supervisionada designada como psicanalítica. Esta designação pretende se sustentar tão somente no fato de que o docente que exerce a função de supervisor se designa, igualmente, como psicanalista. Esta autodesignação implica, no entanto, por conta dos fundamentos da psicanálise que ela convoca, que a nomeação de um psicanalista para a função de supervisor não garante que haja nem prática clínica nem supervisão psicanalíticas. Se pensamos em um psicanalista, pensamos em alguém que

não pode recuar da pergunta sobre a possibilidade de operar na universidade a partir da ética que é própria à psicanálise. Aliás, a sustentação desta pergunta já seria aí uma primeira incidência ética da psicanálise.

Tendo por base justamente a experiência como docentes, pesquisadores e supervisores de estágio na universidade, buscamos: (1) retomar a questão dos impasses relativos à inserção da psicanálise na universidade, (2) verificar como esses impasses se atualizam na ‘clínica do estágio’ – expressão que propomos para sintetizar a idéia de um campo clínico associado à realização dos estágios em clínicas vinculadas à própria instituição de ensino – e (3) interrogar qual é, neste contexto, a clínica possível a partir da psicanálise. Entendemos se fazer necessária esta última interrogação porque, mesmo não havendo formação de analistas, formação para a clínica psicanalítica na universidade, não deixamos de estar inseridos em uma clínica, recebendo pacientes e comprometidos com um trabalho de supervisão. Contra prognósticos negativos mais imediatos, que se resumem na ideia de que não há um possível da psicanálise na universidade, insistimos com a interrogação, porque a experiência nos mostra que o trabalho não é sem consequência para pacientes, estagiários e supervisores. Trata-se de tentar contribuir para a formalização disto, tanto em um sentido retrospectivo quanto na via de se comprometer com uma direção para o trabalho. A questão a se ter em conta é como, ao não recuar deste campo clínico, também não ser complacente com o outro discurso, o discurso vigente na universidade, a ponto de ceder quanto à posição ética da psicanálise.

PRELIMINARES

Quanto ao que potencialmente constitui impasse à psicanálise na universidade, podemos listar o que segue. De saída, a prática clínica e a supervisão encontram-se alocadas entre as atividades formativas exigidas para a obtenção de um título de graduação. Estão, portanto, referenciadas pelo cumprimento de carga horária mínima obrigatória e pela consecução de desempenho acadêmico. Além disso, trata-se de uma atividade curricular que não tem a análise pessoal como pré-requisito, o que implica que se chega à clínica e à supervisão na condição de estudante, e não de analisante. Correlativamente, o supervisor é tomado na condição de docente. É claro que o supervisor pode tentar ir além das exigências acadêmicas e que o estagiário pode, por decisão própria, já ter iniciado ou vir a iniciar uma análise. Entendemos, no entanto, que

tais iniciativas não suprimem os efeitos de se estar inserido na estrutura de formação da universidade.

Com relação à observável pregnância desta estrutura, vale ainda ressaltar, como terreno em que a diferença do que está em jogo na experiência da psicanálise se torna mais evidente, o lugar do saber. Apoiando-se nas demarcações estabelecidas por Lacan (1969/1992) com relação ao discurso universitário (que não se restringe, mas inclui o que se faz entre os muros da universidade), contrasta com a impotência do estudante diante de um saber sempre ainda não suficientemente acumulado, o impossível do saber a que a psicanálise se dirige. É um contraste importante porque a possibilidade do trabalho clínico se orientar pela ética da psicanálise depende de se ter em conta esta dimensão do impossível. A própria atribuição que a supervisão recebe no âmbito da formação universitária – ensinar a analisar – renega o impossível, a rigor o impossível à segunda potência, ao nos valermos das indicações de Freud (1937/1990b). Se sustentamos que a ética da psicanálise inclui o impossível, consentir com esta atribuição resulta em impostura.

A localização dos impasses à experiência analítica a partir do que é efeito do discurso universitário serve de baliza ao desdobramento da seguinte questão: o quanto na ‘clínica do estágio’ esses impasses dizem respeito mais especificamente aos limites da análise de cada um e o quanto podem ser atribuídos mais genericamente ao próprio contexto universitário em que estamos todos inseridos? É da investigação desta questão que poderá advir a outra: qual é a clínica possível, no âmbito da universidade, a partir da psicanálise? Começamos, então, pela incidência, na ‘clínica do estágio’, dos impasses à psicanálise na universidade.

IMPASSES

Uma primeira interrogação: o quanto a exploração do campo do inconsciente é possível no âmbito desta clínica inserida na formação universitária? É claro que a resposta poderia ser: depende da análise de cada um. Mas tendo em vista que o praticante nesta clínica sempre chegará na condição de estudante, é o caso de interrogar se isto por si só não faz impasse à abertura do inconsciente. Afinal, a psicanálise depende de que o saber não exclua o sujeito dividido. Enquanto que no discurso universitário, como Lacan (1969/1992) indica, o sujeito dividido renuncia a seu lugar.

Lacan assevera que o discurso da psicanálise não pode ser o da transmissão de um saber (Lacan, 1969/1992). Ele deve consistir antes no questiona-

mento da função de certo saber na sociedade. Cabe à psicanálise discutir “a relação do sujeito com o saber e a relação do sujeito com a dimensão da vida que escapa ao saber, ponto limite do sentido” (Maurano, 2006, p. 209). No discurso universitário, por sua vez, o sujeito dividido renuncia a seu lugar. Diante do mandamento do “Vai, continua. Não pára. Continua a saber sempre mais.” (Lacan, 1969/1992, p. 98), a tomada da palavra é postergada para quando chegar o momento derradeiro da aquisição do saber, momento que nunca chega.

É do lugar de comando ocupado pelo saber no contexto universitário “que surge a inequívoca promessa de, em um movimento progressivo inesgotável, tudo situar sob a sua égide e de tudo se apropriar” (Lo Bianco, 2006, p. 7). Isto é o que se apresenta ao estudante, e o que ele espera encontrar ao fim do percurso. O que faz, igualmente, com que a psicanálise porte, na universidade, a marca de um estranhamento, já que, “ao contrário, reconhece sempre algo de irreduzível ao saber” (Lo Bianco, 2006, p. 7). Sempre aquém da realização da promessa contida no discurso universitário, o trabalho do estudante faz com que este lugar do impossível ganhe contornos de impotência.

O que tem o sentido de uma insuficiência para o estudante, orientado pelo discurso universitário, fala na psicanálise do impossível ao qual o saber se dirige. Não se trata de recobri-lo com um mais de saber ao qual o estudante é convocado, o que se toma na via de uma impotência, mas de incluí-lo como impossível mesmo, cujo manejo não se faz do lugar do saber. O que é um desafio igualmente para o supervisor, em relação aos limites desta clínica. Mas a formalização da experiência analítica só avança quando dirigida a este impossível. O mesmo vale para o ensino da psicanálise (no caso, a possibilidade de que haja alguma transmissão) e para a pesquisa em psicanálise (no caso, para que possa haver algo que faça jus a levar esse nome). É o desejo de que algo disso, do impossível do saber como operador, encontre, na práxis do estágio, possibilidade de transmissão que faz com que nela nos incluamos como supervisores.

Para tal, é preciso ter em conta que o que se mascara no discurso universitário é que o saber (S2) opera do lugar de agente porque porta a ordem do mestre (S1), que ocupa o lugar da verdade. Segundo Lacan, “pelo fato de o signo do mestre ocupar esse lugar, toda pergunta sobre a verdade é, falando propriamente, esmagada, silenciada” (Lacan, 1969/1992, p. 98). Mas há um mestre velado no lugar da verdade definindo o conjunto dos saberes, ou mais propriamente

definindo que os saberes sejam postos em conjunto. Sendo os estudantes impelidos a assumirem a suposição da existência de um saber que se oferece à acumulação e à possibilidade de anteceder a condução do fazer prático, o desafio é de impedir que a psicanálise se reduza a um saber a ser agregado ao conjunto.

Estas reflexões são importantes na medida em que constatamos que, para que haja psicanálise na clínica da universidade, alguma passagem da impotência ao impossível se faz necessária. Para que algo se produza, para que se chegue a algum lugar em seus atendimentos, a relação com o saber do estudante terá que ser minimamente desestabilizada. Quando pensamos na própria conclusão dos atendimentos, todos os jargões da instituição já revelam do que se trata. ‘Encaminamento’, ‘fechamento’, uma terminologia que faz circular a ideia de que o saber devidamente aplicado resulta em uma operação sem perda, que não há resto. Em nome disto, o estagiário, o praticante, se põe a trabalhar pelo paciente, contra a orientação ‘escandalosa’ da psicanálise de que é este último quem trabalha. É daí que o estudante terá que se extrair para que se possa começar a falar em psicanálise. O que implica suportar responder de um lugar que o saber não informa, que só se sustenta nos termos de uma ética que inclui esta dimensão do impossível, repudiada pelo saber universitário e pela técnica, que se pres-tam justamente a obturá-la.

Se já vimos que, no discurso universitário, o saber tem o lugar de agente, o signo do mestre ocupa o lugar da verdade e o sujeito é o que essa engrenagem promete produzir, resta ainda o lugar de quem trabalha sob a tirania do saber: o estudante. No discurso universitário pensado por Lacan, ele aparece como objeto de gozo, ou seja, já é em si mesmo um produto. Neste sentido, gostaríamos de deixar ainda algumas indicações acerca do refinamento que, observamos hoje, este produto – o estudante em formação – vem sofrendo, em uma direção avessa ao discurso psicanalítico. Poderíamos afirmar haver hoje, a partir do que observamos, um ‘a mais’ relativo à questão da eficácia, em uma formação voltada exaustivamente, na clínica, ao ‘para todo mundo’. Ou um ‘a mais’ relativo à demanda de responder para que serve, em que o profissional liberal se torna o prestador de serviço, na via de um ‘como todo mundo’?

Indicados os impasses, passemos ao trabalho do qual estes têm sido causa.

O TRABALHO

Passemos a uma historização do trabalho que estamos desenvolvendo no interior do campo universitário, onde nossa questão se estruturou. Há cerca de três anos, uma renovação no quadro docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná permitiu que iniciássemos um novo momento de trabalho. No que concerne ao que ali se denomina de ‘abordagem psicanalítica’ no currículo da graduação, tivemos a oportunidade de refazer as ementas das disciplinas associadas à psicanálise desde sua introdução até a supervisão dos estágios supervisionados dos últimos anos, desenvolvidos na clínica-escola da própria universidade. A ideia básica, que orientou nossa construção foi a de apresentar a obra freudiana aos estudantes, privilegiando o modo característico como o autor a foi construindo em sua relação dialética com o exercício da clínica. O percurso proposto buscou fundamentar o modo de construção dos conceitos psicanalíticos por Freud, seus impasses, suas dificuldades, seus avanços, seus recuos e, principalmente, sua derivação de uma posição ética no campo da clínica. Ou seja, sua proposta em entender a clínica a partir de uma perspectiva teórica que parte de um sujeito dividido, atravessado pela linguagem, reportado ao campo do desejo e do inconsciente.

No âmbito do estágio, a observação de que, no espaço formal da supervisão, algumas questões ultrapassam o campo específico da condução dos casos em atendimento foi motivo para que buscássemos a criação de um espaço no qual pudéssemos refletir sobre elas. Implantamos, então, o que denominamos ‘sessões clínicas’. Nestas, os estagiários e supervisores referidos à psicanálise se reúnem semanalmente. A cada encontro um dos componentes se responsabiliza por dar início às reflexões, apresentando uma questão que tenha surgido no espaço da supervisão, mas que remeta ao campo da clínica de modo mais amplo. Citamos como exemplos: o que define ‘estar em análise’; o que define seu ‘término’; o que se ‘repete’ na clínica; qual o ‘limite’ de cada analista; a questão do dinheiro; o final do estágio e a clínica; a dimensão terapêutica da psicanálise; e a distinção entre os planos da moral e da ética na psicanálise foram alguns dos temas levantados e discutidos pelo grupo.

Nossa intenção nessas discussões é de não estarmos inteiramente atrelados ao lugar de supervisor ou de orientador, daquele que detém um suposto saber, o qual, no âmbito da universidade, limita a uma busca de respostas relativas à compreensão e à condução da

clínica. Ao contrário, nas sessões clínicas, as dúvidas e questões são lançadas e endereçadas a todos que dela participam objetivando a própria circulação das mesmas. Não há, portanto, nenhuma preocupação com alcançar respostas ou produzir um saber acadêmico, mas única e exclusivamente com a possibilidade de abertura de um movimento que nos implique, a todos, no fazer da clínica em relação à teoria que a sustenta e à pesquisa que ela suscita.

Foi no interior desse espaço que a reflexão que apresentamos aqui tomou corpo. Não temos a ilusão ingênua de que com a criação das sessões clínicas ultrapassamos todos os impasses. Uma relação assimétrica entre professores e alunos permanece. Igualmente, um certo tipo de relação ao saber universitário também. Porém, as discussões efetivadas nos indicam a ocorrência de um movimento interessante que nos parece assinalar que há aí a instauração de uma relação específica com a psicanálise e seu modo característico de operar: aquele que convoca cada sujeito a se responsabilizar por seus atos, não apenas em sua vida pessoal como, e principalmente, na condução do trabalho clínico. Quer seja ele um profissional graduado ou um estudante em formação. Dessa constatação, um desdobramento sobre a inserção da psicanálise na universidade se tornou presente, dada à observação de todos os atravessamentos institucionais que sobre ela pesam. Principalmente em relação a dois elementos já destacados anteriormente: a posição de cada um em relação ao saber acadêmico e ao saber sobre seu próprio inconsciente. Uma torção difícil de ser efetivada no campo universitário? Certamente. Porém, acreditamos, a ser mantida no horizonte.

QUESTÕES

Dessa forma, a questão com que constantemente nos deparamos, no interior das ‘sessões clínicas’, se refere, em última instância, à possibilidade ou impossibilidade de se fazer psicanálise na universidade, lembrando que pesquisa e clínica se enlaçam aí. A despeito das indicações em contrário, nossas discussões nos mostraram, contudo, uma via de entendimento que indica não haver respostas prontas em nenhum dos dois sentidos. Que as dificuldades são grandes e os entraves são extensos não há dúvida. Mas a observação da existência de um posicionamento singular em relação à clínica, que parece indicar a possibilidade de se sustentar a contribuição freudiana no entendimento dos casos clínicos, assim como os efeitos que tal sustentação produz sobre o trabalho que desenvol-

vemos e sobre os sujeitos aí implicados, resultou na construção da questão aqui especificada sobre qual seria, então, a clínica (e a pesquisa) possível, a partir da psicanálise, na universidade? Não temos a pretensão de responder definitivamente esta questão, mas é ela que tem nos orientado quanto ao desejo de operar e fazer operar, na universidade, desde o lugar ético da psicanálise.

REFERÊNCIAS

Freud, S. (1990a). Dois verbetes de psicanálise (J. Salomão, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 287-302). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)

Freud, S. (1990b) Análise terminável e interminável (J. Salomão, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 241-287). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937)

Lacan, J. (1992) O seminário, livro 17: *O avesso da psicanálise* (Ari Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1969/1970)

Lo Bianco, A. C. (2006). Apresentação. Em A. C. Lo Bianco. (Org.), *Freud não explica: A psicanálise nas universidades* (pp. 3-7). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Maurano, D. (2006). Um estranho no ninho ou a psicanálise na universidade. Em M. A. C. Jorge (Org.), *Lacan e a formação do psicanalista* (pp. 209-227). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Sobre os autores:

Nadja Nara Barbosa Pinheiro – Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Vice-coordenadora do Laboratório de Psicanálise (UFPR).

Vinicius Anciães Darriba – Psicólogo, Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Coordenador do Laboratório de Psicanálise (UFPR).

Endereço eletrônico: Laboratório de Psicanálise da Universidade Federal do Paraná: laboratoriodepsicanalise@ufpr.br
